

Discursos do Papa Francisco sobre a família



noticias.cancaonova.com



DISCURSO

Audiência aos participantes da Plenária sobre as famílias Sala Clementina do Palácio Apostólico Sexta-feira, 25 de outubro de 2013

Senhores Cardeais,
caros Irmãos no Episcopado e no Sacerdócio,
caros irmãos e irmãs,

Eu vos dou as boas vindas em ocasião da XXI Assembleia Plenária e agradeço o presidente Dom Vincenzo Paglia pelas palavras com as quais introduziu o nosso encontro. Obrigado!

1. O primeiro ponto que gostaria de enfatizar é este: a família é uma comunidade de vida que tem sua própria consistência autônoma. Nas palavras do Beato João Paulo II na Exortação Apostólica *Familiaris Consortio*, a família não é a soma das pessoas que a constituem, mas uma “comunidade de pessoas” (cf. nn. 17-18). E a comunidade é mais do que a soma dos indivíduos. É o lugar onde se aprende a amar, o centro natural da vida humana. É composta de rostos, de pessoas que amam, ou dialogam, se sacrificam umas pelas outras e defendem a vida, especialmente os mais frágeis, mais fracas. Pode-se dizer, sem exagero, que a família é o motor do mundo e da história. Cada um de nós constrói a sua própria personalidade na família, crescendo com a mãe e o pai, irmãos e irmãs, respirando o calor da casa. A família é o lugar onde nós recebemos o nome, é o lugar dos afetos, o espaço de intimidade, onde se aprende a arte do diálogo e da comunicação interpessoal. Na família, a pessoa torna-se consciente de sua própria dignidade e, especialmente, se a educação é cristã, reconhece a dignidade de cada pessoa humana, especialmente dos doentes, dos fracos e marginalizados.

Tudo isso é a comunidade-família, que pede para ser reconhecida como tal, especialmente hoje, quando prevalece a proteção dos direitos individuais. E nós temos que defender o direito desta comunidade: a família. Por isso, vocês fizeram bem em dar uma atenção especial à Carta dos Direitos da Família, apresentada há anos, no dia 22 de outubro de 1983.

2. Chegamos ao segundo ponto – se diz que os jesuítas sempre falam em três: três pontos: um, dois, três. Segundo ponto: a família fundada sobre o matrimônio. Através de um ato de amor livre e fiel os esposos cristãos testemunham que o matrimônio, enquanto sacramento, é a base sobre a qual se funda a família e faz com que seja mais sólida a união dos cônjuges e sua mútua doação. O casamento é como se fosse um primeiro sacramento do

humano, no qual a pessoa descobre a si mesma, se auto-compreende em relação aos outros e em relação ao amor que é capaz de dar e receber. O amor sponsal e familiar também revela claramente a vocação da pessoa em amar de modo único e para sempre, e que as provas, os sacrifícios e a crise do casal, bem como da família, representam oportunidades para crescer na bondade, verdade e beleza. No matrimônio, a pessoa se doa completamente sem cálculo ou reservas, compartilhando tudo, dons e sacrifícios, confiando na Providência de Deus. É essa a experiência que os jovens podem aprender com os seus pais e avós. É uma experiência de fé em Deus e confiança, de profunda liberdade, da santidade, porque a santidade supõe a doar-se com fidelidade e sacrifício todos os dias da vida!

Mas existem problemas no matrimônio. Sempre diferentes pontos de vista, ciúmes, brigas. Mas é necessário dizer aos jovens casais que nunca terminem o dia sem fazer a paz entre eles. O sacramento do matrimônio é renovada neste ato de paz, depois de uma discussão, um mal-entendido, um ciúme escondido, até mesmo um pecado. Fazer a paz que dá unidade à família; e digo isso para os jovens casais, que não é fácil ir por este caminho, mas esse caminho é tão bonito. Isso deve ser dito!

3. Gostaria agora de fazer pelo menos uma breve reflexão sobre dois estágios de vida familiar: a infância e a velhice. Crianças e idosos são os dois polos da vida e também os mais vulneráveis, muitas vezes o mais esquecidos. Quando eu confesso um homem ou uma mulher casada, jovens, e na confissão se fala do filho ou da filha, eu pergunto, mas quantos filhos você tem? E me dizem, talvez esperando outra pergunta depois desta. Mas eu sempre faço essa segunda pergunta: diga-me, senhor ou senhora, você brinca com seus filhos? – Como Padre? – Você perde tempo com seus filhos? Você brinca com seus filhos? – Mas não, o senhor sabe, quando eu saio de casa pela manhã – me diz o homem – eles ainda estão dormindo e quando volto eles estão na cama. Também a gratuidade, aquela gratuidade da mãe e do pai com seus filhos, é tão importante: “perder tempo” com os filhos, brincar com seus filhos. Uma sociedade que abandona as crianças e que marginaliza os idosos, corta suas raízes e obscurece o seu futuro.

E vocês façam a avaliação do que faz esta nossa cultura de hoje, não? Com isto, sempre que uma criança é abandonada e um idoso é marginalizado, não se faz apenas um ato de injustiça, mas também se configura o fracasso dessa sociedade. Cuidar das crianças e dos idosos é uma escolha da civilização. E é também o futuro, porque os pequeninos, as crianças, os jovens levarão adiante a sociedade com a sua força, a sua juventude e os idosos vão levá-la com a sua sabedoria, a sua memória, que devem dar a todos nós.

E isso me alegra, que o Pontifício Conselho para as Famílias tenha idealizado este novo ícone da família, que retoma a cena da Apresentação de Jesus no templo, com Maria e José, que levam o menino para cumprir a Lei, e os dois anciãos Simeão e Ana, que movidos pelo Espírito, o recebem como Salvador. É significativo o título dessa imagem: “De geração em geração se estende sua misericórdia”. A Igreja que cuida de crianças e idosos torna-se a mãe das gerações de crentes, e, ao mesmo tempo, serve a sociedade humana para que um espírito de amor, de familiaridade e solidariedade ajude a todos a redescobrir a paternidade e a maternidade de Deus.

E eu gosto, quando leio esta passagem do Evangelho, de pensar que os jovens, Maria e José, e também o Menino fazem tudo o que a Lei diz. Quatro vezes São Lucas diz: para cumprir a Lei. Eles são obedientes à lei, os jovens! E os dois anciãos, fazem barulho! Simeão inventa naquele momento uma liturgia própria em louvor, e louva a Deus. E a velhinha vai e começa a comentar, prega com essa conversa: “Olhem para ele.” Como eles são livres! E três vezes Lucas fala que estes idosos são guiados pelo Espírito Santo. Os jovens da lei, eles do Espírito Santo. Olhe para as anciãos que trazem este espírito dentro de si, os escutem !

A “boa notícia” da família é uma parte muito importante da evangelização, que os cristãos podem comunicar a todos, com o testemunho de vida; e já o fazem, e isso é evidente nas sociedades secularizadas: as famílias verdadeiramente cristãs são reconhecidas pela fidelidade, a paciência, a abertura à vida, o respeito pelos idosos... O segredo de tudo isso é a presença de Jesus na família. Propomos, portanto, a todos, com respeito e coragem, a beleza do matrimônio e da família iluminada pelo Evangelho!

E por isso nos aproximemos com atenção e afeto para com as famílias em dificuldade, aquelas que são forçadas a deixar suas terras, que estão despedaçadas, que não têm casa ou trabalho, ou estão sofrendo por muitas razões; cônjuges em crise e aqueles já separados. De todos queremos estar próximos com o anúncio deste Evangelho da família, desta beleza da família.

Caros amigos, os trabalhos da vossa Plenária possam ser um precioso contributo em vista do próximo Sínodo Extraordinário dos Bispos, que será dedicado às famílias. Também por isso eu agradeço. Confio vocês à Santa Família de Nazaré e de coração dou a minha Bênção.



DISCURSO

Encontro do Papa com as famílias – peregrinação do Ano da Fé Praça de São Pedro, no Vaticano Sábado, 26 de outubro de 2013

Queridas famílias, boa tarde!
Bem-vindas a Roma!

Viestes, como peregrinas, de muitas partes do mundo, para professar a vossa fé diante do túmulo de São Pedro. Esta praça acolhe-vos e abraça-vos: somos um só povo, com uma só alma, convocados pelo Senhor, que nos ama e sustenta. Saúdo também a todas as famílias que estão unidas através da televisão e da internet: uma praça que se espraia sem confins! Quisestes chamar a este momento «Família, vive a alegria da fé!» Gosto deste título! Entretanto escutei as vossas experiências, os casos que contastes. Vi tantas crianças, tantos avós... Pressenti a tristeza das famílias que vivem em situação de pobreza e de guerra. Ouvei os jovens que se querem casar, mesmo por entre mil e uma dificuldades. E então surge-nos a pergunta: Como é possível, hoje, viver a alegria da fé em família? Mas eu pergunto-vos também: «É possível viver esta alegria, ou não é possível?»

1. No Evangelho de Mateus, há uma palavra de Jesus que vem em nossa ajuda: «Vinde a Mim todos os que estais cansados e oprimidos, que Eu hei-de aliviar-vos» (Mt 11, 28). Muitas vezes a vida é gravosa, frequentemente mesmo trágica! Ainda recentemente o ouvíamos... Trabalhar é fatigante; procurar trabalho é fatigante. E encontrar emprego hoje pede-nos tanta fadiga! Mas, aquilo que mais pesa na vida não é isto: aquilo que pesa mais do que tudo isso é a falta de amor. Pesa não receber um sorriso, não ser benquisto. Pesam certos silêncios, às vezes mesmo em família, entre marido e esposa, entre pais e filhos, entre irmãos. Sem amor, a fadiga torna-se mais pesada, intolerável. Penso nos idosos sozinhos, nas famílias em dificuldade porque sem ajuda para sustentarem quem em casa precisa de especiais atenções e cuidados. «Vinde a Mim todos os que estais cansados e oprimidos», diz Jesus.

Queridas famílias, o Senhor conhece as nossas canseiras: conhece-as mesmo! E conhece os pesos da nossa vida. Mas o Senhor conhece também o nosso desejo profundo de achar a alegria do lenitivo. Lembrais-vos? Jesus disse: «A vossa alegria seja completa» (Jo 15, 11). Jesus quer que a nossa alegria seja completa! Disse-o aos apóstolos, e hoje repete-o a nós. Assim, esta é a primeira coisa que quero partilhar convosco nesta tarde, e é uma palavra de Jesus: Vinde a Mim, famílias de todo o mundo – diz Jesus –, e Eu vos hei-de aliviar, para que a vossa alegria seja completa. E esta Palavra de Jesus levai-a para casa, levai-a no coração, compartilhai-a em família. Convida-nos a ir ter com Ele, para nos dar, para dar a todos a alegria.

2. A segunda palavra, tomo-a do rito do Matrimónio. Neste sacramento, quem se casa diz: «Prometo ser-te fiel, amar-te e respeitar-te, na alegria e na tristeza, na saúde e na doença, todos os dias da nossa vida». Naquele momento, os esposos não sabem o que vai acontecer, não sabem quais são as alegrias e as tristezas que os esperam. Partem, como Abraão; põem-se juntos a caminho. E isto é o matrimónio! Partir e caminhar juntos, de mãos dadas, entregando-se na mão grande do Senhor. De mãos dadas, sempre e por toda a vida. E não façais caso desta cultura do provisório, que nos põe a vida em pedaços.

Com esta confiança na fidelidade de Deus, tudo se enfrenta, sem medo, com responsabilidade. Os esposos cristãos não são ingénuos, conhecem os problemas e os perigos da vida. Mas não têm medo de assumir a própria responsabilidade, diante de Deus e da sociedade. Sem fugir nem isolar-se, sem renunciar à missão de formar uma família e trazer ao mundo filhos. – Mas hoje, Padre, é difícil... – Sem dúvida que é difícil! Por isso, é precisa a graça, a graça que nos dá o sacramento! Os sacramentos não servem para decorar a vida – mas que lindo matrimónio, que linda cerimónia, que linda festa!... Mas aquilo não é o sacramento, aquela não é a graça do sacramento. Aquela é uma decoração! E a graça não é para decorar a vida, é para nos fazer fortes na vida, para nos fazer corajosos, para podermos seguir em frente! Sem nos isolarmos, sempre juntos. Os cristãos casam-se sacramentalmente, porque estão cientes de precisarem do sacramento! Precisam dele para viver unidos entre si e cumprir a missão de pais. «Na alegria e na tristeza, na saúde e na doença». Assim dizem os esposos no sacramento e, no seu Matrimónio, rezam juntos e com a comunidade, porquê? Porque é costume fazer assim? Não! Fazem-no, porque lhes serve para a longa viagem que devem fazer juntos: uma longa viagem, que não é feita de pedaços, dura a vida inteira! E precisam da ajuda de Jesus, para caminharem juntos com confiança, acolherem-se um ao outro cada dia e perdoarem-se cada dia. E isto é importante! Nas famílias, saber-se perdoar, porque todos nós temos defeitos, todos! Por vezes fazemos coisas que não são boas e fazemos mal aos outros. Tenhamos a coragem de pedir desculpa, quando erramos em família...

Algumas semanas atrás, nesta praça, disse que, para levar por diante uma família, é necessário usar três palavras. Três palavras: com licença, obrigado, desculpa. Três palavras-chave! Peçamos licença para não ser invasivos em família. «Posso fazer isto? Gostas que faça isto?» Com a linguagem de quem pede licença. Digamos obrigado, obrigado pelo amor! Mas diz-me: Quantas vezes ao dia dizes obrigado à tua esposa, e tu ao teu marido? Quantos dias passam sem eu dizer esta palavra: obrigado! E a última: desculpa. Todos erramos e às vezes alguém fica ofendido na família e no casal, e algumas

vezes – digo eu – voam os pratos, dizem-se palavras duras... Mas ouvi este conselho: Não acabeis o dia sem fazer a paz. A paz faz-se de novo cada dia em família! «Desculpai-me»..., e assim se recomeça de novo. Com licença, obrigado, desculpa! Podemos dizê-lo juntos? (respondem: Sim!). Com licença, obrigado, desculpa! Pratiquemos estas três palavras em família. Perdoar-se cada dia!

Na vida, a família experimenta muitos momentos felizes: o descanso, a refeição juntos, o passeio até ao parque ou pelos campos, a visita aos avós, a visita a uma pessoa doente... Mas, se falta o amor, falta a alegria, falta a festa; ora o amor é sempre Jesus quem no-lo dá: Ele é a fonte inesgotável. Ele, no sacramento, dá-nos a sua Palavra e dá-nos o Pão da vida, para que a nossa alegria seja completa.

3. E para terminar aqui, diante de nós, este ícone da Apresentação de Jesus no Templo. É um ícone verdadeiramente belo e importante. Fixemo-lo e deixemo-nos ajudar por esta imagem. Como todos vós, também os protagonistas da cena têm o seu caminho: Maria e José puseram-se a caminho, indo como peregrinos a Jerusalém, obedecendo à Lei do Senhor; e o velho Simeão e a profetisa Ana, também ela muito idosa, vêm ao Templo impelidos pelo Espírito Santo. A cena mostra-nos este entrelaçamento de três gerações, este entrelaçamento de três gerações: Simeão segura nos braços o menino Jesus, em quem reconhece o Messias, e Ana é representada no gesto de louvar a Deus e anunciar a salvação a quem esperava a redenção de Israel. Estes dois anciãos representam a fé como memória. Mas eu pergunto: «Vós ouvís os avós? Abris o vosso coração à memória que nos dão os avós? Os avós são a sabedora da família, são a sabedoria de um povo. E um povo que não ouve os avós, é um povo que morre! Ouçamos os avós! Maria e José são a Família santificada pela presença de Jesus, que é o cumprimento de todas as promessas. Cada família, como a de Nazaré, está inserida na história de um povo e não pode existir sem as gerações anteriores. E por isso hoje temos aqui os avós e as crianças. As crianças aprendem dos avós, da geração anterior.

Queridas famílias, também vós fazeis parte do povo de Deus. Caminhai felizes, juntamente com este povo. Permanecei sempre unidas a Jesus e levai-O a todos com o vosso testemunho. Obrigado por terdes vindo. Juntos, façamos nossas estas palavras de São Pedro, que nos têm dado força e continuarão a dar nos momentos difíceis: «A quem iremos nós, Senhor? Tu tens palavras de vida eterna!» (Jo 6, 68). Com a graça de Cristo, vivei a alegria da fé! O Senhor vos abençoe e Maria, nossa Mãe, vos guarde e acompanhe!

Obrigado!



Viagem do Papa Francisco ao Sri Lanka e Filipinas
DISCURSO
Encontro com as famílias
Mall of Asia Arena – Manila
Sexta-feira, 16 de janeiro de 2015

Boletim da Santa Sé
Queridas famílias,
Queridos amigos em Cristo!

Obrigado pela vossa presença aqui, nesta noite, e pelo testemunho do vosso amor a Jesus e à sua Igreja. Agradeço a D. Reyes, Presidente da Comissão Episcopal para a Família e a Vida, as suas palavras de boas-vindas em vosso nome. De maneira particular, agradeço àqueles que apresentaram o seu testemunho partilhando connosco a sua vida de fé.

Raramente as Escrituras falam de São José e, quando o fazem, muitas vezes encontramos-o a repousar, enquanto lhe é revelada em sonho a vontade de Deus. No texto do Evangelho que acabámos de ouvir, encontramos, não uma mas duas vezes, José a repousar. Nesta noite, quero repousar no Senhor com todos vós e reflectir convosco sobre o dom da família.

O repouso de José revelou-lhe a vontade de Deus. Neste momento de repouso no Senhor, pondo de lado os nossos numerosos deveres e actividades diárias, Deus fala também a nós. Fala-nos na leitura que ouvimos, nas nossas orações e testemunhos e no silêncio do nosso coração. Reflectamos sobre o que nos está a dizer o Senhor, especialmente no Evangelho desta noite. Há três aspectos deste texto que vos peço para considerardes: repousar no Senhor, levantar-se com Jesus e Maria, e ser voz profética.

Repousar no Senhor. O repouso, apesar de ser necessário para a saúde das nossas mentes e dos nossos corpos, com frequência é muito difícil de conciliar por causa das numerosas exigências que gravam sobre nós. Mas o repouso é essencial também para a nossa saúde espiritual, para podermos ouvir a voz de Deus e compreender aquilo que nos

pede. José foi escolhido por Deus para ser pai putativo de Jesus e marido de Maria. Como cristãos, também vós sois chamados, à semelhança de José, a providenciar uma casa para Jesus. Preparais uma casa para Ele nos vossos corações, nas vossas famílias, nas vossas paróquias e nas vossas comunidades.

Para ouvir e aceitar a chamada de Deus, para construir uma casa para Jesus, deveis ser capazes de repousar no Senhor. Deveis encontrar cada dia o tempo para rezar. Mas poderíeis dizer-me: Padre, eu quero rezar, mas há tanto que fazer! Devo cuidar dos meus filhos; tenho os deveres de casa; estou demasiado cansado até mesmo para dormir bem. Isto até pode ser verdade; mas, se não rezarmos, nunca conheceremos a coisa mais importante de todas: a vontade de Deus a nosso respeito. Além disso, durante toda a nossa actividade, na multiplicidade das nossas ocupações, conseguiremos verdadeiramente pouco sem a oração.

Repousar na oração é particularmente importante para as famílias. É, antes de tudo, na família que aprendemos como rezar. Nela chegamos a conhecer Deus, a crescer como homens e mulheres de fé, a considerar-nos como membros da família mais ampla de Deus, a Igreja. Na família, aprendemos a amar, a perdoar, a ser generosos e disponíveis e não fechados e egoístas. Aprendemos a ir além das nossas próprias necessidades, para encontrar outras pessoas e partilhar as nossas vidas com elas. Por isso é tão importante rezar como família. É por isso que as famílias são tão importantes no plano de Deus para a Igreja.

Agora vejamos o segundo ponto: levantar-se com Jesus e Maria. Estes momentos preciosos de repouso, duma pausa com o Senhor na oração, talvez gostássemos de poder prolongá-los. Mas, como São José, uma vez que se ouviu a voz de Deus, temos de despertar do nosso sono; devemos levantar-nos e agir (cf. Rm 13, 11). A fé não nos tira do mundo, mas insere-nos mais profundamente nele. Na realidade, a cada um de nós cabe um papel especial na preparação da vinda do Reino de Deus ao nosso mundo. Tal como o dom da Sagrada Família foi confiado a São José, assim também o dom da família e o seu lugar no plano de Deus estão confiados a nós. O Anjo do Senhor revelou a José os perigos que ameaçavam Jesus e Maria, obrigando-os a fugir para o Egipto e, em seguida, estabelecer-se em Nazaré. De igual modo, no nosso tempo, Deus chama-nos a reconhecer os perigos que ameaçam as nossas próprias famílias e a protegê-las do mal.

Muitas são hoje as pressões sobre a vida da família. Aqui, nas Filipinas, muitas famílias sofrem ainda as consequências das catástrofes naturais. A situação económica provocou a fragmentação das famílias com a emigração e a busca de um emprego, para além dos problemas financeiros que atormentam muitos lares domésticos. Enquanto muitas pessoas vivem em pobreza extrema, outras caem nas malhas do materialismo e de estilos de vida que abolem a vida familiar e as exigências mais fundamentais da moral cristã. A família está ameaçada também pelos crescentes esforços de alguns em redefinir a própria instituição do matrimónio mediante o relativismo, a cultura do efémero, a falta de abertura à vida.

O nosso mundo tem necessidade de famílias sãs e fortes para superar estas ameaças. As Filipinas precisam de famílias santas e cheias de amor para proteger a beleza e a verdade da família no plano de Deus e servir de apoio e exemplo para as outras famílias. Toda a ameaça à família é uma ameaça à própria sociedade. O futuro da humanidade – como

várias vezes disse São João Paulo II – passa através da família (cf. Familiaris consortio, 85). Por isso, protegi as vossas famílias. Vede nelas o maior tesouro da vossa nação, e alimentai-as sempre com a oração e a graça dos sacramentos. As famílias sempre terão as suas provações, não precisam que lhes junteis mais! Pelo contrário, sede exemplos de amor, perdão e solicitude. Sede santuários de respeito pela vida, proclamando a sacralidade de toda a vida humana desde a concepção até à morte natural. Que grande dom seria isto para a sociedade: cada família cristã viver plenamente a sua nobre vocação! Então, levantai-vos com Jesus e Maria e disponde-vos a percorrer a estrada que o Senhor traça para cada um de vós.

Por fim, o Evangelho que ouvimos recorda-nos que o nosso dever de cristãos é ser vozes proféticas no meio das nossas comunidades. José ouviu a voz do Anjo do Senhor e respondeu à chamada que Deus lhe fez de cuidar de Jesus e Maria. Assim desempenhou ele o seu papel no plano de Deus e tornou-se uma bênção não só para a Sagrada Família, mas também para toda a humanidade. Juntamente com Maria, José serviu de modelo para o menino Jesus que ia crescendo em sabedoria, idade e graça (cf. Lc 2, 52). Quando as famílias permitem às crianças nascer para este nosso mundo, as educam na fé e em sãos valores e as ensinam a dar a sua contribuição para a sociedade, tornam-se uma bênção ao seu redor. O amor de Deus torna-se presente e activo a partir do modo como nós amamos e das boas obras que praticamos. Fazemos crescer o Reino de Cristo neste mundo. Ao fazê-lo, mostramo-nos fiéis à missão profética que recebemos no Batismo.

Durante este ano consagrado pelos vossos bispos como Ano dos Pobres, pedir-vos-ia que estivésseis, como família, particularmente atentos à vossa chamada para ser discípulos missionários de Jesus. Isto significa estar prontos para ir além dos limites das vossas casas e cuidar dos irmãos e irmãs mais necessitados. Peço que vos interesseis de modo especial por aqueles que não têm uma família própria, particularmente os idosos e as crianças sem pais. Nunca os deixeis sentir-se isolados, sozinhos e abandonados, mas ajudai-os a saber que Deus não os esqueceu. E, no caso de vós próprios serdes pobres em sentido material, sabeis que tendes uma abundância de dons a distribuir quando oferecis Cristo e a comunidade da sua Igreja. Não escondais a vossa fé, não escondais Jesus, mas colocai-O no mundo e ofereci o testemunho da vossa vida familiar.

Queridos amigos em Cristo, sabeis que rezo sempre por vós. Rezo para que o Senhor continue a aprofundar o vosso amor por Ele e que este amor se possa manifestar no vosso amor recíproco e pela Igreja. Rezai com frequência e levai os frutos da vossa oração para o mundo, a fim de que todos possam conhecer Jesus Cristo e o seu amor misericordioso. Por favor, rezai também por mim; preciso verdadeiramente das vossas orações e sempre contarei com elas.